

# Agora, o "stand by"

O governo Tancredo Neves assume a partir de agora a renegociação da dívida externa brasileira. Um novo programa de ajuste econômico vai ser negociado com o Fundo Monetário Internacional e os bancos credores vão sentar, provavelmente com o banqueiro Olavo Setúbal, para uma nova negociação da fase 3 do reescalonamento da dívida externa brasileira.

Estas são as principais conclusões que se pode tirar da nota divulgada no final da noite de quarta-feira, em Nova Iorque, pelo comitê de bancos credores. Esta nota é fruto da profunda irritação do diretor do FMI, Jacques de Larosière, com a atual equipe econômica do governo brasileiro.

Sua irritação principal é com o ministro do Planejamento, Delfim Netto. De Larosière custou muito a entender, mas agora está convencido, que o ministro Delfim Netto nunca quis mesmo fazer qualquer programa de ajuste da economia brasileira. Ele agora acha que sempre foi enganado.

De Larosière considera um absurdo a sétima Carta de Intenção. Um quase desrespeito às relações entre o Brasil e o FMI. Ele está convencido que as atuais autoridades brasileiras já sabiam, quando enviaram a sétima Carta de Intenção, que ela é absolutamente inexequível. Esta conclusão entornou o caldo. Resultado: todo o trabalho de semanas de negociações com os bancos credores levado a efeito pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, quase foi por água abaixo.

O atual acordo em vigor com o FMI tem tudo para ser rompido. Ele foi revisto praticamente a cada trimestre e nunca cumprido. Este acordo é de três anos, do tipo *extended*, que prevê a liberação de 4,4 bilhões de DES — Direitos Especiais de Saques, que podem ser traduzidos em US\$ 4,5 bilhões. Tudo indica que este acordo vai ser substituído por outro, do tipo *stand by extended*.

Este acordo seria de um ano e o FMI só o acertaria com o novo governo. Na prática seriam concluídos os três anos de acordo com o Fundo, mas o efeito moral desta suspensão que é ruim para o País. O fluxo de recursos pouco seria afetado ou não prejudicaria as contas externas já um pouco melhores das pernas.

Quanto aos bancos credores, ficariam na espera deste acerto com o FMI, necessário — o sinal verde — para a venda do pacote negociado com o comitê de bancos. As longas semanas de discussão do presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, ainda podem não ter sido em vão. A negociação que na verdade havia sido fechada, pode servir de base para a futura negociação.

Ela foi boa para o Brasil. Mas, para o governo Tancredo Neves servirá apenas como teto. É daí para melhor que devem ir as pretensões do novo governo. Este já começa a ser o pensamento de pessoas influentes da equipe de Tancredo Neves.

Amadurece também a idéia de que o banqueiro Olavo Setúbal senta no Itamarati negociando com os bancos e com o FMI. O fluxo de recursos para o País não vai ser afetado nos próximos 3 meses porque o governo atual já conseguiu um *waiver* junto aos bancos. Este *waiver* significa, na prática, que as condições da fase 2 da negociação continuam em vigor por mais 3 meses.

Mas, a partir daí o caldo pode engrossar. É bom lembrar que Pastore ficou semanas para conseguir o acordo agora suspenso. Se demorarem muito as negociações com o novo governo, pode chegar ao fim o fluxo de recursos para o Brasil. Seis meses de negociação com o novo governo pode levar o País a uma situação crítica. Se bobear, o País pode escorregar para uma situação semelhante à da Argentina.

Rapidamente o País perde as reservas que possui. O desempenho da balança comercial este ano não deve ser tão brilhante como no ano passado. Fora as incertezas quanto ao comércio mundial, o País está sem subsídio creditício, sem estímulo fiscal e diminui a margem câmbio/salário. Agora são câmbio (será)? e salário plenos. O País tem tudo para voltar a ficar vulnerável.

É um lamentável final de governo, quando tudo indicava o contrário. A parte interna está descontrolada e, agora, também o setor externo corre o risco de retroceder. A equipe econômica atual descuidou do aspecto interno porque achava que ia emplacar o setor externo. Não acertou nem uma coisa e nem outra.

MARCELO NETTO